

## **“SEGUIR EM FRENTE”: CONFIGURAÇÕES SUBJETIVAS EM MULHERES EMPRESÁRIAS EM CARIACICA, ESPÍRITO SANTO**

*FOLLOW ON: SUBJECTIVE CONFIGURATIONS IN WOMEN ENTREPRENEURS IN CARIACICA, ESPÍRITO SANTO*

Recebido em 13.09.2023 Aprovado em 27.10.2023

Avaliado pelo sistema double blind review

DOI: <https://doi.org/10.32888/cge.v11i3.59903>

### **Rogério Zanon da Silveira**

Rogério.silveira@ufes.br

Programa de Pós-graduação em Gestão Pública / Universidade Federal do Espírito Santo – Vitória – Espírito Santo, Brasil

0000-0002-1410-2767

### **Gabriel Silva Tinoco de Carvalho**

gabrieltinoco@outlook.com

Departamento de Administração / Universidade Federal do Espírito Santo – Vitória – Espírito Santo, Brasil

0000-0002-1410-2767

### **Resumo**

O objetivo deste artigo é compreender configurações subjetivas em mulheres frente a sua atividade como empresária. O referencial teórico-metodológico adotado foi a teoria da subjetividade e a epistemologia qualitativa. Os achados apontam para configurações subjetivas associadas a pressões e inspirações oriundas da própria família, da infância, da hegemonia da ideia de mercado, de relações machistas no mundo empresarial, da religião, entre outros aspectos da subjetividade individual e social que impactam suas atividades empreendedoras e sua subjetividade. A pesquisa contribui para a compreensão de aspectos simbólicos ignorados numa subjetividade social hegemônica em que a singularidade e a pessoa humana são desconsideradas.

**Palavras-chave:** Mulher empresária. Empreendedorismo feminino. Subjetividade individual e social. Configurações subjetivas.

### **Abstract**

The objective of this article is to understand subjective configurations in women regarding their activity as a businesswoman. The theoretical-methodological framework adopted was the theory of subjectivity and qualitative epistemology. The findings point to subjective configurations associated with pressures and inspirations originating from one's own family, childhood, the hegemony of the market idea, sexist relationships in the business world, religion, among other aspects of individual and social subjectivity that impact their entrepreneurial activities and its subjectivity. The research contributes to the understanding of symbolic aspects ignored in a hegemonic social subjectivity in which singularity and the human person are disregarded.

**Keywords:** Business woman. Female entrepreneurship. Individual and social subjectivity. Subjective settings.

## Introdução: a mulher, sua subjetividade e sua empresa

O tema objeto desta pesquisa é o da mulher empresária, sua subjetividade e aspectos da subjetividade social que impactam ou que estão envolvidos em sua atividade profissional de empresária. Para fins deste estudo, o conceito de atividade empresarial é o relacionado à pessoa, descartando noções de empresa ou de empreendedorismo associadas a “uma função, atividade ou processo“, como na observação de Gulisano (2013, p. 460) mencionando acepções de Mises (1996, p. 252): “a economia, falando sobre os empreendedores, não considera os homens, mas uma função específica, quando em economia se fala de empreendedores, capitalistas, proprietários, trabalhadores, consumidores, falamos de “categorias econômicas“.

Nesse sentido, e para fins didáticos, adota-se o conceito de empresário definido no art. 966 do Código Civil Brasileiro (Lei nº 10.406, 2002), que o define como “quem exerce profissionalmente atividade econômica organizada para a produção ou a circulação de bens ou de serviços“. Aliado a esse entendimento está o de uma mulher que rompe barreiras num contexto social de “dominação masculina, “de violência simbólica, violência suave, insensível, invisível“, como expressado por Bourdieu (2010, p. 7), componentes da subjetividade social no espaço social da mulher empresária.

Mas essa mulher vem conquistando espaço no mercado de trabalho e buscando se desenvolver e se realizar profissionalmente. Escolas, faculdades, empresas e espaços antes a elas inacessíveis, contam, cada vez mais, com a presença das mulheres: o número de empresas fundadas por mulheres é crescente. São variados os fatores associados ao empreendedorismo feminino, tendo destaque as condições socioculturais, as políticas públicas governamentais e os conhecimentos e competências das mulheres empresárias, como revelado em pesquisa recente em dezoito países da América e da Europa (Morales-Urrutia, 2023). Teixeira e Bomfim (2016, p. 44), por exemplo, pesquisaram a tentativa de mulheres conciliarem seus múltiplos papéis e de se depararem com frustrações e sentimento de culpa, o que requer, segundo as pesquisadoras apoio emocional muito forte de seus maridos e filhos, especialmente. “A busca pelo ponto de equilíbrio entre as demandas conflitantes gera desgaste emocional e/ou físico”.

Esta pesquisa se insere nesse contexto e tem como objetivo compreender configurações subjetivas em mulheres residentes na cidade de Cariacica, no Espírito Santo, frente a sua atividade como empresária. A busca desse objetivo é orientada pelo seguinte problema de pesquisa: com que desafios e dificuldades, notadamente em dimensões simbólicas e subjetivas, mulheres se deparam em sua atividade profissional de empresárias? O referencial teórico-metodológico que sustenta a pesquisa é a Teoria da Subjetividade e a Epistemologia Qualitativa (Gonzalez Rey, 2003, 2005a, 1999; Gonzalez Rey & Mitjans Martinez, 2017). O uso dessa acepção teórica é justificável por recair o estudo sobre a subjetividade das pessoas participantes da pesquisa que formam um grupo de pesquisa.

Esta pesquisa ganha justificativa e relevância pelo fato de que são raros os estudos sobre o problema de pesquisa por meio do prisma da subjetividade das pessoas envolvidas no tema, consistindo em lacuna importante nos estudos organizacionais. Relevância no potencial que o conhecimento sobre aspectos da subjetividade individual e social tem para a busca de soluções em diversos campos para os problemas enfrentados por mulheres. Como observam Gomes et al. (2014), a preocupação central em pesquisas sobre o empreendimento feminino recai sobre a estrutura sexuada das organizações e em consequências para as atividades empresariais. Assim, defendem as autoras a oportunidade de adoção de novas lentes para o estudo fenômeno do “empreendedorismo feminino”, contribuição ao debate e ao estabelecimento de novos rumos para pesquisas sobre o tema.

Numa rara pesquisa análoga a este artigo, Ferreira e Nogueira (2013) interpretaram sentidos e configurações subjetivas nas mulheres empreendedoras associados as suas trajetórias e ao contexto cultural no qual a atividade é desenvolvida, e como uma característica que começa a se constituir ainda na infância, resultados que vão ao encontro de alguns achados nesta pesquisa. Ainda que diante de toda essa realidade, de acordo com o relatório do *Global Entrepreneurship Monitor* (GEM) (GEM, 2022), apesar de a taxa de empreendedorismo de 2021 para 2022 entre os homens ter sido maior do que a das

mulheres, a variação da taxa feminina foi de 11%, contra apenas 1% do empreendedorismo masculino, o que mostra desempenho e esforço das mulheres por maior participação do mercado.

Algumas razões para essa força do empreendedorismo feminino aparecem nesta pesquisa, que está dividida em quatro partes. A primeira é esta introdução, em que são apresentados o tema, a problematização e o problema de pesquisa, o objetivo, a relevância e a justificativa do estudo. A segunda parte é o referencial teórico metodológico, baseado na teoria da subjetividade numa perspectiva histórico-cultural e na epistemologia qualitativa. A terceira parte é composta pela apresentação dos resultados, onde estão as entrevistas realizadas e as interpretações. A quarta parte é destinada às considerações finais.

### **Referencial teórico-metodológico: a teoria da subjetividade e a epistemologia qualitativa**

O referencial teórico-metodológico que norteia este estudo é a Teoria da Subjetividade numa perspectiva histórico-cultural e a Epistemologia Qualitativa, como desenvolvidos por González Rey (2003, 2005). Tem-se nesta pesquisa uma acepção de subjetividade individual e social e de configuração subjetiva (González Rey, 2003, 2011) para interpretar falas das pessoas envolvidas no tema em estudo, cujas informações principais são obtidas à luz do conceito de sentidos subjetivos, que consistem em via para a obtenção dessas informações.

Na perspectiva da subjetividade, a linguagem não é somente o que a pessoa diz ou está dizendo, mas as emoções envolvidas nessa fala, transparecidas por meio de gestos, modos de respostas, quietudes e outras percepções captadas pelo pesquisador nos momentos de pesquisa, em que transparecem sentidos em suas pequenas nuances. Os sentidos subjetivos e as configurações subjetivas constituem vias para construção de indicadores que darão lugar a conhecimentos acerca do problema estudado.

Esse pano de fundo teórico e metodológico é lançado sobre a flexibilidade de mulheres em um contexto de crise social, com o intuito de compreender suas realidades, angústias e vislumbres refletidos por meio de suas expressões, emoções e sentidos. Isso tudo em meio a um cenário em que são impelidas por um estado de vida em que seus anseios são alimentar, sustentar e lutar pela sua vida e pela vida dos seus. O que se defende na ideia de subjetividade é a de uma pessoa vista como sujeito reflexivo e participativo, que, a partir de sua subjetividade individual, pressiona a subjetividade social hegemônica na sociedade ao mesmo tempo em que é pressionada por ela.

Nessa tensão constante, aspectos da subjetividade individual e social são reciprocamente pressionados e modificados, gerando produção de novas subjetividades. Sentidos subjetivos e subjetividade são produzidos nos mais variados campos ou espaços sociais, como o familiar, o profissional, o educacional, entre tantos outros, na compreensão de que a produção da subjetividade individual é resultante de uma interação constante entre o social e o individual. Enfim, a Teoria da Subjetividade numa Perspectiva Histórico-Cultural (González Rey, 1997, 1999, 2003, 2005; Rossato, 2009; González Rey e Mitjans Martines, 2016, 2017; González Rey, Mitjans Martines, Rossato e Goulart, 2017) vai abraçar a ideia de que são as pessoas que formam o espaço social organizacional, constroem socialmente esse espaço e ao mesmo tempo são impactados por ele, de forma singular a cada uma.

### **A subjetividade numa perspectiva histórico-cultural**

Na acepção de González Rey (2003, p. 127), o sentido caracteriza o processo da atividade do homem em seus diversos ambientes de ação. Sentido subjetivo é compreendido como “[...] a unidade inseparável dos processos simbólicos e as emoções num mesmo sistema, no qual a presença de um desses elementos evoca o outro, sem que seja absorvido pelo outro”. Silveira (2015) expõe que processos simbólicos e emoções concedem ao conceito de sentido subjetivo um caráter profundo e são essenciais para o seu entendimento. Por isso, uma expressão ou uma manifestação de emoção não são, por si só, suficientes para captação de sentido subjetivo. Sua captação se dá por meio de pessoa externa ao sujeito e com a intenção de fazê-lo, na condição de pesquisador. Nesse processo, a criatividade do pesquisador surge como um grande desafio ao desenvolvimento da pesquisa, como na observação feita por Mitjans Martinez (2014).

Ou seja, a captação do sentido subjetivo somente pode se dar a partir de interpretações de variadas expressões ou de diferentes momentos de manifestação de emoção do sujeito, bem como de sua comparação com manifestações de outros sujeitos e das relações e conversas entre esses sujeitos. O sentido subjetivo não aparece diretamente na expressão intencional do sujeito, numa frase ou numa palavra, mas, sim, a partir da interpretação integrada de diferentes expressões. Nas palavras de González Rey (2003, p. IX):

A subjetividade [...] é um complexo e plurideterminado sistema, afetado pelo próprio curso da sociedade e das pessoas que a constituem dentro do contínuo movimento das complexas redes de relações que caracterizam o desenvolvimento social. Essa visão da subjetividade está apoiada com particular força no conceito de sentido subjetivo, que representa a forma essencial dos processos de subjetivação.

Assim, a busca por compreensão dos sentidos subjetivos nas expressões das mulheres sujeito de pesquisa passa, por exemplo, pelo estudo de modos de pensar e de agir delas ante sua atividade como mulher empresária. Na teoria da Subjetividade, González Rey (2003) fala da necessidade de superar a visão de compreender cultura, sujeito e subjetividade como fenômenos separados. Para o autor, é preciso que esses fenômenos sejam vistos de forma integrada e ver como se integram. Seu conceito de subjetividade é uma tentativa de superar a dicotomia entre o social e o individual, a partir do que surge a ideia de subjetividade social:

Tenho estabelecido em trabalhos precedentes o conceito de subjetividade social (1993, 1996, 1997), cujos fenômenos, de uma forma ou de outra, têm sido objeto de atenção de vários autores, entre os quais considero como especialmente relevantes Castoriadis e Guattari. O conceito de subjetividade social nos permite compreender a dimensão subjetiva dos diferentes processos e instituições sociais, assim como o da rede complexa do social nos diferentes contextos em que ela se organiza através da história (González Rey, 2003, p. 78).

Ao introduzir o conceito de subjetividade social, González Rey (2003, p. 211) busca “explicar os processos de produção e organização de significados e sentidos subjetivos no nível social”. Em outras palavras, formações da subjetividade social hegemônicas, como mitos, crenças, lendas, modos de pensar e de agir preconcebidos, repercutem intensamente nas atividades das mulheres, formações que pressionam sua subjetividade. Por sua vez, com trabalho, atitude, ação e pensamento, essas mulheres pressionam e enfrentam a subjetividade social hegemônica, dentro do que forjam sua própria subjetividade, como sujeitos e protagonistas de sua vida social. A acepção de subjetividade social consiste também na tentativa de superação da dicotomia individual e social. Nessa perspectiva, a subjetividade não se reduz aos indivíduos, pois

os diferentes espaços sociais em que as pessoas atuam estão carregados de uma subjetividade social que tem existência supra-individual e se perpetua nas produções simbólicas compartilhadas sobre as quais se organizam as relações dos indivíduos dentro desses espaços (González Rey, 2005b, p. vii, prefácio).

No tempo em que o autor vê “a subjetividade social como via para o estudo da sociedade”, ela é vista como via para a compreensão de sentidos subjetivos e de configurações subjetivas nas mulheres empresárias que fazem parte do grupo de pesquisa. Como explica González Rey (2003, p. 203), “a subjetividade social como um sistema complexo exhibe formas de organização igualmente complexas, ligadas aos diferentes espaços da vida social, dentro dos quais se articulam elementos de sentido procedentes de outros espaços sociais”.

Sentidos subjetivos emergem num processo contínuo e inconsciente, em que um sentido se articula a outro e a outros, redundando em configurações subjetivas. “Nesse processo dinâmico, as configurações subjetivas, tanto individuais como sociais, representam formações autogeradoras e autorreguladoras que se tornam fontes permanentes de sentidos subjetivos nas mais diversas ações humanas” (Goulart, 2019, 163).

## Epistemologia Qualitativa e Método Construtivo-interpretativo do Conhecimento

Esta pesquisa consiste na articulação de conceitos teóricos como o de subjetividade social e individual, sentidos subjetivos e configurações subjetivas, para, então, se buscar conhecimento acerca dos desafios e dificuldades que envolvem a vida das mulheres empresárias objeto desta pesquisa. O processo de construção de informação e de conhecimento neste trabalho se baseia na pesquisa qualitativa, mais especificamente, na Epistemologia Qualitativa e no método construtivo-interpretativo do conhecimento (Gonzalez Rey, 2003, 2005, 1999; Gonzalez Rey & Mitjás Martínez, 2017).

Trata-se de uma perspectiva que busca compreender a pesquisa como um processo de comunicação e de diálogo, já que os seres humanos se comunicam em seus diferentes espaços sociais de vivência. Assim, a busca por respostas ao problema de pesquisa é orientada pela interpretação das expressões das pessoas envolvidas nesse problema: as respostas ao problema de pesquisa emergem dos sujeitos de pesquisa.

A complexidade em observar aspectos qualitativos e subjetivos leva à opção pelo modo de produção do conhecimento por meio dos princípios da epistemologia qualitativa concebidos por González Rey (2005a). Um fundamento central é o da construção de conhecimento com base na comunicação e no diálogo. Esse modo de pesquisar baseia-se em três princípios básicos da Epistemologia Qualitativa.

O primeiro deles é o caráter construtivo-interpretativo do conhecimento. Esse princípio se baseia na premissa de que o conhecimento é produzido permanentemente, renunciando-se à fronteira entre o empírico e o teórico. Nesse processo construtivo-interpretativo, o conhecimento vai se legitimando dentro de um modelo teórico permanentemente em desenvolvimento por parte do pesquisador em sua trajetória pelos momentos empíricos. Trata-se de um processo que, como dizem Rossato e Mitjás Martínez (2018, p. 187), “implica em resgatar o pesquisador – cientista – do lugar de tabulador e processador de dados para o lugar de produtor de conhecimento”.

O segundo princípio é a legitimação do singular como fonte de produção do conhecimento. Nesse fundamento, o pesquisador não fica restrito a teorias pré-concebidas, pois ele parte da premissa que ele próprio é um agente pensante, capaz de integrar e associar informações que emergem em seu processo de pesquisa. O terceiro fundamento parte da aceção de que a pesquisa no campo das ciências sociais se dá por meio do diálogo, tornando assim pesquisadores e pesquisados sujeitos da pesquisa.

Com o aprofundar dos desdobramentos individuais, ou seja, via sentidos subjetivos dos participantes da pesquisa, o destaque é dado ao grupo de pesquisa constituído por seis mulheres empresárias, cujos pseudônimos, com vistas à preservação de suas identidades, são: Aline, Zemar, Sueli, Camila, Jane e Mayara. As informações foram obtidas por meio do instrumento de pesquisa de conversação, cujos momentos empíricos foram realizados no ano de 2021, com desdobramentos interpretativos em 2022. Em seguida, foi dado início à criação do cenário de pesquisa, num encontro em que foi explicado a cada uma delas aspectos principais da teoria e da metodologia utilizada, o problema e o objetivo de pesquisa, entre outros elementos principais do estudo. Passado esse momento, os participantes são convertidos em grupo de pesquisa.

Ao longo dos momentos empíricos, as informações obtidas são interpretadas e confrontadas com outras informações, sendo novamente reinterpretadas a cada novo momento e, assim, “informações de um sujeito de pesquisa são confrontadas com os de outros numa construção de conhecimento que se dá de forma permanente e crescente” (Silveira, 2015, p. 86). Ao participante também é informado de que as conversações serão gravadas, para posterior transcrição, e que também pode se retirar da pesquisa quando desejar, ainda que conversas já tenham sido realizadas. Entendido suficientemente a participação na pesquisa, antes de iniciadas as conversações, é feita a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

As interpretações vão sendo organizadas em categorias e apresentadas de forma integrada. Em suma, na construção desta pesquisa, foram seguidos os seguintes passos principalmente: 1) incursão do pesquisador no campo de pesquisa; 2) seleção dos sujeitos de pesquisa; 3) construção do cenário de pesquisa; 4) realização dos momentos empíricos; 5) organização do relatório parcial de pesquisa; 6) revisão e; 7) elaboração do relatório final de pesquisa, que derivou este trabalho.

Os momentos empíricos constituem em encontros, que foram feitos de forma presencial, observando-se os protocolos sanitários devido a pandemia decorrente da Covid-19. Esses encontros entre pesquisador e participantes da pesquisa tiveram como objetivo conversar sobre o objeto de investigação. Antes da conversação, o pesquisador mostra aos participantes uma pauta para conversa, baseada em temas como: razões para empreender, inspiração, preconceitos, discriminações, satisfação, sonhos, reconhecimento, projetos futuros, forças para enfrentar dificuldades etc.

Em cada etapa de conversação, as expressões são gravadas, transcritas, interpretadas e reunidas em forma de configurações (categorias) em busca do alcance do objetivo de pesquisa. Nessas transcrições, também são observados gestos, emoções e outros tipos de expressões que não somente as levantadas das falas literais. Após cada conversação, é feito novo momento empírico, em que esse processo “construtivo-interpretativo” é repetido, até que se note esgotamento suficiente para encerrar a pesquisa. Configurações subjetivas são levantadas a partir de interpretação de sentidos subjetivos, que não devem ser compreendidas de forma isolada, pois que estão associadas a outras, de maneira complexa.

### **Interpretações e resultados: configurações subjetivas na atividade da mulher empresária**

Nas expressões dos sujeitos de pesquisa, buscou-se reconhecer e agrupar, na forma de configurações subjetivas, modos de pensar e de agir presentes nas mulheres entrevistadas. Em outras palavras, o objetivo foi compreender aspectos da subjetividade social que permeiam essas mulheres em suas atividades empresariais. As interpretações ajudaram a destacar configurações subjetivas, e na formação dessas configurações estão presentes vários fenômenos humanos, sentimentos morais e éticos.

Sentidos e expressões obtidos nas entrevistas vão sendo reunidos e interpretados na forma de configurações subjetivas e, por meio das interpretações, é possível observar como se conectam e como aparecem no viver da mulher em sua atividade empresarial. Essas configurações foram construídas durante as conversas entre pesquisador e participantes da pesquisa, com vistas à compreensão de uma realidade e fomento de produção de novas subjetividades que vão intervir em diferentes aspectos da subjetividade social e no desenvolvimento da subjetividade individual de Aline, Zemar, Sueli, Camila, Jane e Mayara.

Mayara tem 28 anos, um relacionamento homoafetivo, é formada em enfermagem e trabalha como motorista de aplicativo. Mayara trabalha todos os dias da semana, sai de casa às cinco e meia e termina seu expediente às dezoito horas. Ela relata que desde pequena teve “essa paixão pela direção de carros e motos”. Diz que, quando trabalhou de auxiliar de farmácia em um hospital, um amigo em uma conversa a aconselhou a buscar conhecimentos para trabalhar como motorista de aplicativo, visto que ela sempre gostou muito de dirigir. Num primeiro momento, ela olhou de forma negativa, pelo perigo de uma mulher dirigir para desconhecidos. No entanto, o amigo a convenceu, baixando o aplicativo e incentivando-a a fazer oito corridas experimentais em um único dia.

Ela relata que pessoas a questionam para seguir a profissão de enfermagem e sempre perguntam por que ela está dirigindo carro. No mesmo instante, ela responde que quando começou a fazer faculdade, nos dois últimos períodos ela viveu uma decepção e refletiu que não era a profissão que queria seguir: “vi que não me encaixava no perfil de enfermeira”. Para não parar a faculdade, faltando apenas dois períodos para o término, ela decidiu dar continuidade até o final do curso, sabendo que não teria a pretensão de seguir na carreira. Em determinado momento, ela diz que se sente estressada quando as pessoas a julgam por ficar cinco anos em uma faculdade e terminar como motorista de aplicativo. Nesse momento, ela se emociona e diz que ama dirigir: “é o que gosto de fazer”. Sente-se muito cobrada pela família, principalmente pelos pais, que dizem que a profissão da área da saúde lhe daria um futuro melhor e estável.

### **Mayara: “devido à pressão de familiares ... acabei seguindo a enfermagem”:**

Nesse momento, ao falar em estabilidade, Mayara diz que sempre trabalhou em farmácia, e diz que na verdade o seu maior sonho acadêmico é a graduação em farmácia. Mas, “devido à pressão de familiares quanto à facilidade de empregabilidade, acabei seguindo a enfermagem”. “No ano que vem penso em começar no curso de farmácia... fazer aquilo que gosto na graduação”. Mayara diz que a inspiração por dirigir vem do pai: “sempre fui muito curiosa e minha parceria com meu pai, desde pequena, me fez ter gosto pela direção”. “Eu passei de

primeira na autoescola e na primeira semana de carteira mesmo já estava viajando com meu pai, dirigindo e ajudando na locomoção de familiares adoentados”.

Ao ser perguntada se a pandemia do coronavírus influenciou na decisão dela em ser motorista de aplicativo, Mayara diz que se tivesse praticado sua profissão de enfermeira ela iria trabalhar dentro de um hospital, se sujeitando a toda sorte de riscos de contágio, fazendo com que não optasse em procurar uma vaga de emprego na área de enfermagem. Ela teve medo de passar a Covid para seus familiares e inclusive para sua companheira, Aline, com quem tem contato diário.

Disse que a empresa Uber investiu na prevenção dos motoristas, instalando telas de proteção e fornecendo álcool em gel, propiciando mais segurança no trabalho. Mayara diz não aceitar corrida de pessoas sem máscara e que não permite aos passageiros se sentarem no banco da frente de seu veículo. Quanto a ser discriminada por ser mulher, diz já ter sofrido preconceito por estar dirigindo. Relata uma ocasião em que, num sinal, um homem gritou a chamando de “maria sapatão do Uber”. “E são os mesmos homens que no final da viagem me dão parabéns, por dirigir bem, como se uma mulher não pudesse dirigir. Mas estou satisfeita com meu trabalho, como estou, me considero uma vitoriosa por estar ganhando meu dinheiro pelo meu próprio mérito”.

Já nas primeiras expressões, aparecem em Mayara indicadores de sentidos associados a constrangimentos e pressões sociais. O homem que grita “maria sapatão do Uber” não fala por si somente, mas como veículo de uma subjetividade social que a constrange e a intimida. A voz não se dirige apenas à Mayara, mas a sua representatividade como mulher trabalhadora e empresária. É possível observar, ainda, como essa tensão provém não apenas de espaços exteriores, mas também de espaços bem internos, como o da família, por quem é muito cobrada em mudar de trabalho e seguir a área da saúde.

No entanto, sob essa coação simbólica, ela segue fazendo o que gosta desde criança e com orgulho de exercer bem o seu ofício de motorista: “passei de primeira na prova”. No espaço familiar também reúne forças para a produção de sua subjetividade e de sua emersão como sujeito: “a inspiração para o trabalho de motorista veio do exemplo do pai”. Ainda que mencionada brevemente, sua companheira já aparece como indicador de apoio robusto de sua formação subjetiva.

Mayara, porém, não descarta trabalhar de carteira assinada. Ela diz ter como meta de vida estabilidade emocional no seu relacionamento e financeira para conquistar sua casa própria e “ter estabilidade para conquistar o que eu quiser, na medida do possível”. Tem o sonho de viajar para Portugal e conhecer novas culturas, mas sabe que para conquistar seus objetivos precisa “ralar” muito na sua profissão. Em um momento de emoção, ela fala sobre sua mãe que ajuda muito em tudo em sua vida: “sem minha mãe eu não seria nem um por cento do que sou hoje”. Eu dedico todo esforço para formar na força que minha mãe teve para ajudar pagando a faculdade”. Mayara tem sua mãe como inspiração de vida e de mulher emponderada. O trabalho no Uber tem dado resultados financeiros ótimos, segundo Mayara, mas ela diz que as corridas particulares sem os aplicativos de locomoção têm ajudado mais, uma vez que são fixos e lhe dão retorno estável e consistindo em trabalho rentável.

Esses trechos são reveladores do “vai e vem” que caracteriza a subjetividade no tempo e nos diferentes espaços sociais da convivência de Mayara. Assim, como ela revela a “paixão” pelo trabalho no aplicativo de transporte, pensa também na carteira assinada, na estabilidade, no relacionamento emocional, na estabilidade financeira e na compra da casa. O desconforto exercido pela família, que a preferia na área da saúde, cede vez ao falar da mãe. A emoção com que fala parece refletir sentidos subjetivos fortemente associados à família como fator preponderante em sua formação como sujeito, exemplo de mulher, de inspiração de vida e empoderamento, e de agradecimento: “força que minha mãe teve para ajudar pagando a faculdade”.

“Eu já fiz minha inscrição no MEI e quero conquistar novos clientes através das redes sociais”. Mayara relata que amigos têm indicado seus serviços para outros conhecidos, fazendo com que sua rede de contatos cresça vez mais. Perguntada de onde retira forças para sua determinação, ela lembra sua companheira com quem se relaciona, que lhe encoraja muito e lhe ajuda “em todos os sentidos”, e que o fato de ser chefe de família “dá a obrigação de ter as contas pagas no final do mês”. Mas também lembra a mãe, “guerreira e determinada naquilo que quer”. Mayara diz se cobrar muito, que “poderia fazer muito mais”, mas, por enquanto, está “dando os passos que precisa para chegar aos seus objetivos”.

A família vai se afirmando em Mayara como elemento preponderante na construção de sua subjetividade. O pai como exemplo na profissão; a mãe como exemplo de sujeito e de empoderamento feminino: “guerreira”. Sua companheira, como suporte e como pessoa que a encoraja e ajuda, em seu papel como “chefe de família” que tem de “pagar as contas”. A emoção, fenômeno central na formação de subjetividade e de sujeito, transborda em cada expressão de Mayara, que encara o presente, as pressões simbólicas que percebe no campo da subjetividade social que, no entanto, não a subjuga. Ao contrário, transforma essas pressões cotidianas em alicerces para edificação para emergência de sua condição de sujeito.

Já Zemar relata que foi estimulada a ser empreendedora por incentivo de sua mãe, que trabalhava na Ceasa, central de abastecimento de alimentos localizada na cidade de Cariacica: “sempre o que motivou foi ter garra, ambição e força de vontade e gostar do que faço”. Zemar acorda todos os dias antes das três horas da madrugada para trabalhar: “o que me inspira trabalhar é gostar de ver gente e trabalhar com gente, e tudo o que consegui foi através do povo”. “Minha mãe diz com orgulho ter alcançado ter um patrimônio, um sítio bem avaliado, que lhe dá condições de não trabalhar mais”. Zemar relata contentamento com sua situação de empresária: “faço tudo porque gosto, sou muito imperativa e odeio ficar parada”.

### **Zemar: “vinha criança trabalhar junto com a mãe vendendo limão”.**

Zemar trabalha há trinta anos como comerciante na Ceasa, no Espírito Santo, e fala orgulhosa que sua mãe foi a primeira mulher a trabalhar naquele mercado: “vinha criança trabalhar junto com a mãe vendendo limão”. “Minha mãe trazia limão da Bahia e seu ex-esposo era caminhoneiro e trazia os limões para minha mãe”. Zemar diz ser muito parecida com a mãe que tem a mesma força de vontade para o trabalho como ela. Conta que começou vendendo laranjas em sua loja própria na Ceasa. Com o passar dos anos, foi crescendo suas ofertas de produtos, vendendo batatas, cebolas, limão e outros produtos. Tudo o que ela tem hoje, ela reconhece, é do seu trabalho na Ceasa.

Zemar brinca dizendo que seu sobrenome é Guerreira: “sou conhecida na Ceasa como a Zemar Guerreira”, porque acorda cedo todo dia, vai “malhar e logo após trabalho, trabalho e trabalho”. Diz ser a mulher mais respeitada na Ceasa e que nenhum homem a “peita naquele lugar”. Diz ser tratada como rainha e impõe esse respeito perante os homens: “não sou nordestina mais tenho sangue arretado como se fosse”. Zemar é proprietária de uma casa de festas em Cariacica, também fruto do trabalho na Ceasa: “Mas se eu vivesse de aluguel nessa empresa estaria falida, e foi com garra que conquistei mais essa forma de trabalho. Tudo o que ela tem é graças ao Ceasa, sempre faz questão de dizer: “é Deus no céu e o Ceasa na terra”, fala com emoção.

Mas fala também de suas dificuldades. Abre seu coração e diz que em determinado momento de sua vida passou por um período de depressão e o que deu a ela forças para continuar foi o trabalho: “através dele pude dar dignidade a minha família e não podia baixar a cabeça com as dívidas que estava”. “Busquei forças em Deus para continuar a seguir sozinha sem a ajuda de ninguém, só de Deus”.

Nas expressões de Zemar aparecem sentidos subjetivos fortes associados a sua família, notadamente em relação ao convívio com sua mãe, “que trazia limão da Bahia”, e com quem é muito parecida. Zemar, apesar de conviver num espaço laborativo predominantemente formado por modos de pensar e de agir masculinos, se impõe: “sou tratada como rainha e ninguém me peita naquele lugar”. É sujeito e nordestino, “arretada” e enfrenta de “peito aberto” pressões simbólicas exercidas por inúmeros componentes histórico-culturais que constroem o trabalho feminino. Sentidos subjetivos associados a seu agradecimento pela condição que tem atualmente, pela condição de empresária no Ceasa e em sua Casa de Festas, com o quê se reergueu, pagou dívidas e “não baixou a cabeça”, pois recebeu forças que vinham bem além das suas próprias.

Zemar relata que “não tinha o luxo de ficar doente e que não iria dar liberdade para depressão entrar dentro dela”, e acabou seguindo em frente. Diz ser muito evangélica, que adora ir à Igreja, subir ao “monte e orar a Deus”: “Adoro Deus. Deus fala através dos meus clientes me dando forças para prosseguir nas batalhas da vida”. Ela diz que “no lado amoroso ainda não deu sorte”, mas não tem o que dizer no campo profissional: “sou uma mulher mais do que realizada. Só tenho a agradecer”. Zemar conta que tem dois filhos, uma filha que diz odiar a Ceasa e hoje é psicóloga, que não vê qualidade de vida no trabalho da mãe, mas tem muito orgulho em tudo o que a mãe representa para ela. Mas, Zemar diz que “não está nem aí e que essa é a qualidade de vida dela” e que gosta do que faz. Já seu filho parece querer seguir os passos da mãe trabalhando no administrativo da empresa.

Ao falar sobre um projeto de futuro, Zemar fala do sítio que tem na localidade de Marechal Floriano, onde pretende construir seu novo empreendimento, um tipo de pousada de inverno para aluguel. “Tenho de ter resultado em tudo o que faço, porque minha força vem de Deus, só vem Dele a força que tenho todos os dias”.

A dificuldade com as dívidas, com a doença e com a depressão aparecem como sistemas de sentidos subjetivos que configuram situação negativa à construção subjetiva em Zemar. No entanto, ao invés de se abater, reúne forças que parecem se situar especialmente no campo da religião: “adoro ir à Igreja, subir ao monte e orar a Deus”. Se um cliente lhe diz para ter forças e seguir adiante, ele é o instrumento que fala, mas a fala é de Deus. Assim, Zemar emerge o sujeito guardado, produz sua subjetividade com implicações para a formação da subjetividade social nos diferentes espaços sociais de seu convívio, como na família, seus filhos, na religião e nos espaços laborais que ocupa. Ainda que muito pouco mencionado, e por isso mesmo, “a falta de sorte no amor” aparece como sentido subjetivo impactante em sua configuração subjetiva, e que parece comprometer o sentimento que diz ter de “ser uma mulher mais do que realizada”. Mas se “tem resultado em tudo o que faz”...

Sueli e Camila, mãe e filha, são empreendedoras e juntas possuem uma lanchonete na Ceasa, uma empresa familiar. Sueli começa informando que está ali há quatro anos, pois antes esse ponto pertencia a avó de Camila. Em determinado momento, ao ver que o ponto seria passado para outra pessoa, Sueli viu ali uma forma de empreender e ganhar seu dinheiro. Camila diz que ajudava a avó antes de assumir a lanchonete e por ter a prática adquirida ao longo do tempo junto a avó decidiu chamar a mãe para juntas assumirem a lanchonete. Camila viu a oportunidade de ganhar mais do que se procurasse um emprego de carteira assinada. Sueli também viu a oportunidade, pois estava desempregada, fazia faxina no bairro Praia do Canto, em Vitória, vislumbrou a oportunidade de trabalhar próximo de sua casa e “de uma forma mais digna”, como disse, e ganhando mais.

O sonho de Sueli é ter sua casa própria e diz ser esse o motivo que a leva a lutar todos os dias acordando às duas horas da manhã para buscar seu dinheiro. Já Camila tem o sonho de terminar sua faculdade de educação física e trabalhar como *personal trainer*. Diz não querer viver da lanchonete, mas trabalhar por conta própria na área da educação física. Elas afirmaram que a pandemia não interferiu em nada na empresa, as vendas diminuiriam um pouco, mas não fecharam as portas em nenhum momento. Mãe e filha nunca tiveram nenhum tipo de discriminação no seu trabalho, afirmando que as pessoas elogiam o seu trabalho e seu empenho de “acordar cedo e sair para busca de seu ganha-pão”, disse Sueli.

### **Camila: “Não vejo a hora de ter independência e trabalhar naquilo que gosto”.**

Sueli e Camila afirmam trabalhar de segunda a sábado das três horas da manhã até às duas horas da tarde, servindo salgados e refrescos. Camila, no entanto, se diz não muito satisfeita com seu trabalho, reclamando “não aguento mais trabalhar na Ceasa onde trabalho desde os doze anos”, onde começou com sua avó. “Não vejo a hora de ter independência e trabalhar naquilo que gosto”. Já Sueli, a mãe, diz amar o que faz: “trabalhar com muito amor, mas me sinto cansada por acordar todos os dias muito cedo”. Elas relatam o reconhecimento que têm de todos na Ceasa, sendo lembradas pelo “o lanche do trailer” onde ainda na madrugada pessoas fazem fila para comer o pão com linguiça que fazem. Sueli revela que sua força vem de Deus, “agradecida a Deus por ter a oportunidade de estar trabalhando”. Lembra também a sogra, a avó de Camila, “a quem sou muita grata por ter cedido o local para que a gente poder trabalhar para sobreviver” ... “sem a lanchonete podíamos estar até passando fome”.

Nota-se em Sueli e Camila duelos simbólicos típicos dos processos humanos de construção de vida e de subjetividade. O trabalho o tem como forma de se sustentarem, e o fazem com orgulho. No entanto, ao mesmo tempo, Camila lembra de sua história, trabalhando desde os doze anos: “não aguento mais”. Veem o trabalho como uma necessidade; devem chegar “de madrugada” para atenderem a “fila do pão com linguiça”. Orgulham-se de serem reconhecidas “por todos” em seu espaço de trabalho. Esses sentidos aparecem em forma de sistemas, ora harmônicos, ora contraditórios, que espelham configurações subjetivas associadas às relações familiares, principalmente, que se entrelaçam à religião, caracterizando aspectos simbólicos da subjetividade social que impulsionam a condição subjetiva em Sueli e em Camila.

Aline tem trinta anos e diz o orgulho de ser homossexual. Já trabalhou com outras profissões, é formada em educação física e é professora e atualmente é vigilante. Relata que começou a confeccionar doces como *bobby* na faculdade, para ajudar nos custeios de xerox e na mensalidade. Acordava cedo para vender os doces na rua

Expedito Garcia, rua de grande movimento no bairro Campo Grande, em Cariacica. “O objetivo de sempre era completar renda, pois o que ganhava na época não dava para pagar os estudos”.

Já nas primeiras falas de Aline, a questão que faz de expressar o orgulho que tem de sua homossexualidade parece representar o enfrentamento a aspectos da subjetividade social hegemônica associados ao preconceito que percebe. Enfrenta pressões exercidas pela subjetividade social, de frente, as assimila e faz delas apoio para emergência de sua condição de sujeito. Fez doces para custear xerox e mensalidade da faculdade. Ainda que pouco explorado na pesquisa, em Aline, o conhecimento e a formação que teve oriundas da faculdade parecem consistir em elementos subjetivos bastantes fortes a sua formação subjetiva.

Aos poucos foi percebendo que o negócio de doces poderia crescer e passou a investir mais neles, se especializando, pesquisando e melhorando a qualidade de seus produtos. “E hoje lá se vão cinco anos com esse trabalho”. Aline relata que sua inspiração veio do próprio doce e ver que “todo mundo gosta de doce, né”? Assim, a se animou a fazer doces como um empreendimento mesmo. Ela observa muito as pessoas que vendem doces, que vivem da venda de doces, vindas de outras regiões do Brasil e trabalham nas ruas e em terminais de ônibus. “Vejo o doce como uma forma de fazer renda, uma garantia caso eu fique desempregada um dia, tenho essa forma de sustento e não vou passar aperto, né,... não vou ficar sem dinheiro”, revela.

A formação acadêmica em educação física foi ficando de lado, ainda que por meio dela tenha obtido vivências e conhecimentos importantes a sua condição de sujeito. As expressões de Aline aparecem com bastante força, nem sempre recheadas de muita emoção. Suas expressões parecem naturais, determinadas e com olhar no presente e no futuro. Aspectos da subjetividade social não aparecem como fatores preponderantes na formação de sua subjetividade: “Sou homossexual com muito orgulho”.

Aline cita a doceira de Cariacica, Carolina Campos, como referência, que no meio da pandemia começou a vender doces nas redes sociais e hoje tem uma enorme loja em Cariacica. Sua meta de vida é ter sua fábrica e sua loja de doces como Carolina Campos. Relata que há cinco meses estava desempregada e, por esse motivo, no meio da pandemia, passou a fazer mais doces para gerar renda e pagar as contas de casa. Aline demonstra satisfação em trabalhar na feitura de doces: “para mim, é como uma terapia, esqueço os problemas da vida ao confeccionar os seus doces, faço com muito amor e se pudesse viveria só de doces”, diz. Aline se abre para falar sobre um desses “estresses da vida” que o doce ajuda a aliviar, que é o fato de viver problemas em seu relacionamento que tem com sua namorada, que precisa bancar as despesas da casa por ela estar desempregada. Diante desses e de outros desafios, Aline vê nos doces uma válvula de escape para continuar seguindo e lutando.

Um dos princípios essenciais da Epistemologia Qualitativa é o processo construtivo interpretativo do conhecimento. As informações e o conhecimento vão sendo construídos numa espécie de vai e vem e os indicadores vão ora se afirmando, ora se enfraquecendo como hipóteses de sentidos e de configurações subjetivas. Expressões ativas em Aline a respeito de sua condição social e no trabalho, em determinados momentos entregam-se em falas como “o doce ajuda a aliviar *stresses* da vida” e “problemas com a namorada”, mas “é ela quem me inspira”. Em meio a essas idas e vindas, afirmações e contradições, Aline vai edificando sua subjetividade em configurações subjetivas associadas a condição de mulher ativa, reflexiva, trabalhadora, apaixonada, melancólica, alegre. Em meio a esse sistema de sentidos e de emoções, a pressão exercida pela subjetividade social sobre a subjetividade individual em Aline é usada por ela na construção de sua subjetividade e de seu afloramento como sujeito.

Aline busca e quer estabilidade financeira e na vida, mas ainda não conseguiu ver em seus doces essa estabilidade: “mas se eu conseguir estabilidade com os doces, viveria com prazer somente com meus doces”. No emprego como vigilante, que tem hoje, consegue juntar dinheiro para o capital que investe no negócio, na compra de ingredientes e outros recursos. Reclama muito da instabilidade de preços e na dificuldade de vender os doces por um preço mais acessível aos clientes. “Não tenho visto na pandemia uma rentabilidade na venda de doces, mas não vou desistir de vender os doces, pois, como eu já disse é um *bobby* que faço com amor”. Mas a profissionalização como empresária está presente em Aline, que pretende se especializar na área da gestão, “para que no futuro eu possa empreender de verdade”.

**Aline: “mesmo com minha namorada desempregada, é ela que me inspira e o amor que sinto por ela também”.**

Aline diz ter como objetivo de vida abrir uma loja de lanches e doces. Informa que não tem apoio da família que dizem que o que ela faz não é trabalho. Reclama que seus familiares não valorizam o que ela faz, que não a valorizam pelo que ela faz como trabalho. “Eles não pagam pelo que eu faço para eles, pois acham que é obrigação minha dar uma torta ou um doce quando me pedem para fazer, aí não dá né, querem sempre de graça, comprado não”. Aline vem conquistando clientes por meio das redes sociais, de divulgação em seus *stories* nas redes, promovendo sorteios e brindes.

Em geral, suas expressões remetem à vontade que tem de se desenvolver profissionalmente na atividade, aprender mais gestão e marketing, entre outras ferramentas de administração. “Procuro também tirar forças de relatos de outras mulheres que conseguiram vencer através de sua força de vontade, vou vencer, com o tempo, é só questão de tempo”. Aline revela muita felicidade com os elogios que recebe dos clientes sobre a qualidade de seus produtos e volta novamente seu olhar para a casa: “mesmo com minha namorada desempregada, é ele que me inspira e o amor que sinto por ela também, e sempre me ajuda quando possível”.

Jane tem 32 anos e é advogada há seis anos. Conta que durante o começo do ano inaugurou uma empresa de gestão de condomínios junto com mais duas amigas advogadas. Segundo Jane, sua inspiração na área acadêmica de direito foi por conta de um relacionamento, mas quem ajudou a pagar e custear seus estudos foi sua mãe, que trabalhou como cuidadora de crianças. “Saí do ensino médio meio perdida sem saber pra onde ir ... fiz o curso técnico integrado ao ensino médio em meio ambiente”. Como já imaginava, revela, não se adaptou ao curso e não prosseguiu na área. Logo depois começou a namorar e por um acaso o namorado cursava Direito e incentivou Jane a seguir nessa área. “Entrando no curso de direito foi que me apaixonei pelo curso e encontrei minha vocação de advogar”.

No momento, Jane diz que a empresa ainda não tem retorno financeiro e, por esse motivo, ainda foca bastante em sua profissão primária de advogada. Relata que, desde o seu último ano de curso, já advogava junto com um amigo, fazendo sociedade e buscando parcerias e trabalhos. Frisa que, embora seus colegas de curso falassem em estudar para concurso, ela ia na contramão de todos, afirmando que estava estudando para ser uma advogada e era naquilo que ela focava. Em sua primeira sociedade como advogada, no começo, ela não obteve retorno em seus trabalhos como advogada, mas, com o decorrer do tempo, foi alcançando êxitos.

Revela com orgulho que sua trajetória de lutas foi o que fez ser a mulher que é hoje: “passei necessidades para conseguir sustentar o escritório, deixando de comer para ter um bom ambiente de trabalho e conseguir atrair novos clientes”. Mas aprendeu muito com as dificuldades: “passei a economizar mesmo, poupar, pois um advogado que não poupa dinheiro acaba falindo e se tornando refém... bom advogado é aquele que sabe ouvir a dor do outro se coloca no lugar do seu cliente para conseguir contextualizar os problemas com a devida vênia”, disse. Por trabalhar dessa forma, Jane diz não ter problema mais em não ter clientes, “porque se torna um efeito dominó”, um cliente vai indicando para o outro e acaba se tornando uma roleta de trabalho contínuo”.

Porém, devido à pandemia, Jane viu seus trabalhos pararem devido ao judiciário ter fechado por meses. Assim, ela e suas sócias atuais fecharam a sala e começaram a desenvolver o trabalho remoto. Diante de tanta dificuldade, “vimos esse novo mecanismo de trabalho, o trabalho remoto, que também passou a facilitar nossa nova atividade na área de condomínio”. Após advogar em casa, Jane começou a fazer planos e metas para sua vida e para sua profissão, vislumbrando um retorno que não tinha antes: “há economia inclusive com honorários, aluguel, pois não tinha que dividir seus honorários e pagar aluguel, luz e internet”. Jane relata amiúde que sempre quis ter uma renda fixa além da advocacia, “porque no começo o advogado faz de tudo para conseguir ganhar dinheiro, mas após uma certa estabilidade você acaba focando na área que mais gosta, que é onde estou conseguindo chegar”. Jane se refere à sociedade de gestão condominial que abriu juntamente com outras três mulheres advogadas.

Jane revela que já se sentiu discriminada por ser uma mulher empreendedora: “é que o homem não aceita que a mulher pode tomar espaços antes exclusivamente masculinos”. “Algumas vezes, olham de cara torta e até dificulta as relações empresariais com empresas geridas e aberta por mulheres”. Jane relata também que a mulher é cobrada na vestimenta, que precisa “estar com a melhor roupa para ser aceita no mundo corporativo. Se não

estiver bem-vestida, as pessoas não me dão credibilidade”. Como diretora financeira de sua sociedade, ela se diz satisfeita com a JBL Empreendimentos: “Brenda é minha sócia e atua na área comercial e Bruna é diretora operacional e mesmo sendo advogadas sabemos dividir e gerir todos os processos de trabalho da empresa até aqui”.

Segundo Jane, esses são os setores que precisam para administrar um condomínio. Como gestora financeira de sua empresa, Jane relata que terceirizou todo o setor de pagamentos e adquiriu um *software* de contabilidade para auxiliar nos pagamentos e recebimentos do condomínio onde a sua empresa faz a gestão. Nesse momento a empresa só conta com um condomínio sendo administrado pelas advogadas. E afirma que sente dificuldades para se adaptar ao processo de gestão e diz que é fundamental saber gerir uma empresa e que sente falta dessa formação em administração: “Temos todas pesquisado e aprendido na marra lidar com os processos de gestão de uma empresa”.

Mas Jane também revela outros sonhos, que vão além do campo profissional, como o de constituir uma família, “casar e ter filhos”. Mas também fala que o fato de desejar constituir uma família não está condicionado ao fato de ser uma empresária bem-sucedida. Nesse ponto, afloram em Jane sentidos em relação a sua família: “me tratam como a caçula...”. Esse aspecto familiar ficou raso na conversa com Jane, que pareceu não querer falar muito sobre ele. Voltando a conversar sobre a sociedade, Jane volta a falar de forma mais animada. “Enquanto elas puderem (as sócias) ... elas dão conta de todos os processos, “mas futuramente queremos contratar profissionais para cada área da gestão”. Enfim, Jane revela que as dificuldades são consideráveis, diárias e constantes, “mas não deixamos nunca essas dificuldades nos abaterem... nos desanimarem... seguimos em frente pois os boletos chegam ao final do mês”.

**Sínteses... Jane: “é que o homem não aceita que a mulher pode tomar espaços antes exclusivamente masculinos”.**

Nos diálogos, vão aparecendo formações subjetivas adjacentes e peculiares a cada uma das pessoas entrevistadas, mas também aspectos da subjetividade social que circundam a subjetividade individual, alguns comuns às empresárias que fizeram parte do estudo. Nota-se, assim, aspectos da subjetividade social, como família, religião, Deus, relações de gênero, amizades, dramas vividos, machismo, história de vida, entre tantos outros, que pressionam a subjetividade individual, de formas diferentes em cada um. Por sua vez, cada uma das mulheres vai mostrando suas lutas diárias e em sua história de vida, que aparecem como a pressão exercida pelo individual sobre o social.

Observa-se a pressão constante entre aspectos da subjetividade social e individual, que exercem pressão recíproca, mas com forte preponderância da subjetividade social sobre as pessoas. Nesse processo, essas mulheres buscam alternativas, se posicionam, refletem, produzem alternativas e novas subjetividades, em atitudes características de sujeito, na acepção da teoria da subjetividade.

Um aspecto que pode ser considerado marcante diz respeito a questões ligadas à identidade de gênero que, por sua vez, estão associadas aos relacionamentos afetivos de cada uma. Essas formações aparecem com maior expressão nas conversas com Mayara e com Aline. Ambas fazem questão de extenuar com brio e valor, logo no início das conversas, o vínculo afetivo com a pessoa com quem vivem e se relacionam. Assim, a menção à companheira, à relação homoafetiva, sobressai logo em suas palavras primeiras.

Mayara inicia dizendo sobre seu perfil, mencionando a idade e o relacionamento homoafetivo que tem. Da mesma forma o faz Aline, ao dizer com orgulho sua condição de homossexual. Mas compensa observar que essas expressões iniciais, por si só, não configuram sentidos de uma afirmação, mas também de uma confrontação com o social. Ao afirmarem a condição de homoafetividade, há indicador de posicionamento de enfrentamento por uma realidade por que passam, qual seja, a de componentes da subjetividade social que pressionam a pessoa em sua singularidade.

Melhor dizendo, há nas expressões de Mayara e de Aline indicativo de que, ao afirmarem sua condição homoafetiva, estão confrontando uma cultura de preconceito a essa condição, contra minorias nessa condição. Há um sentido de “olha, temos uma identidade”; temos um orgulho”. Parece apontar, então, o sentimento por parte da pessoa de pressão exercida pela subjetividade social sobre sua subjetividade individual, porém, de forma

recíproca, a produção de alternativas por parte da pessoa, pressionando e enfrentando aspectos preconceituosos imperantes na subjetividade social e, com isso, a configuração de uma luta pela modificação e destruição de aspectos da subjetividade social que afetam a subjetividade individual.

Essa condição deve ser sobressaída não apenas pelos significados que expressam, mas também pela ausência desse tipo de exposição por parte das outras empresárias entrevistadas. É que para elas, ao que parece, é uma condição normal, por dizer assim, sua condição de “estado civil”, por terem relacionamento, ou não, com “namorados”, não sofrem pressão por parte das pessoas em geral, da sociedade, a respeito dessa condição.

Trata-se, no entanto, de interpretações a partir do que não foi dito, por Zemar, Sueli, Camila e Jane, em comparação ao que foi expresso por Aline e Mayara. Não há em Zemar, Sueli, Camila e Jane motivação para sobressaírem ou afirmarem a natureza de seus relacionamentos efetivos, uma vez que sobre elas não recai, na observação de suas falas diretas, algum tipo de pressão ou preconceito social sobre esse assunto. Diferentemente do que ocorre com Jane e com Mayara, em que o estado homoafetivo de seus relacionamentos é componente de forte preconceito residente na subjetividade social dos espaços sociais nos quais convivem.

De forma parecida, porém, talvez menos evidente, a autoproclamação de condição de mulher empreendedora e empresária é feita em forma de celebração e enaltecimento. Entremeia nessas falas sentidos simbólicos, sentidos subjetivos, associados ao combate que travam no dia a dia, e em sua história de vida, para a construção de sua condição de empresária num ambiente social onde predomina o machismo e a noção de que a atividade empresarial é inerente ao homem.

Esses aspectos podem ser vistos de forma mais manifesta nas falas de Jane: “é que o homem não aceita que a mulher pode tomar espaços antes exclusivamente masculinos”. A construção de uma expressão como essa, aliada à forma como é feita, nos gestos e nos modos de falar, revela sentidos subjetivos muito fortes associados à pressão sofrida pela mulher num mercado de trabalho hegemonicamente masculino, seja no campo das práticas seja em sua dimensão simbólica.

Esse mercado as olha, a Jane e suas sócias, “de cara torta e até dificulta as relações empresariais com empresas geridas e aberta por mulheres”. Observa-se não apenas no modo de falar, mas nas palavras, como “de cara torta”, por exemplo, um tom de repúdio e ao mesmo tempo de enfrentamento a essa realidade, aliado as dificuldades normais enfrentadas no campo empresarial por essas mulheres. A isso segue ao posicionamento como sujeito, a atividade, a reflexão e a autonomia em Jane e suas sócias Bruna e Brenda, que não se deixam abalar: “...seguimos em frente pois os boletos chegam ao final do mês”.

Outro aspecto da subjetividade social manifestada pelas empresárias participantes desta pesquisa está relacionado à família, que aparece como componente da subjetividade social a exercer forte pressão sobre a subjetividade individual nessas mulheres. No entanto, em cada uma de uma forma diferente, alternando aspectos positivos com outros nem tanto, ou mesmo negativos. A família é um componente da subjetividade social que exerce forte pressão e provoca tensionamentos a qualquer pessoa desde o início de sua vida. Em Sueli esse aspecto familiar ganhou relevo. A lembrança da avó, por parte do pai, aparece com bastante força nas expressões de Camila, a quem “ajudava muito” na lanchonete. Com o passar do tempo, Camila foi adquirindo conhecimento e experiência, até decidir convidar sua mãe para participar do negócio.

Sua mãe, Sueli, por sua vez, faz questão de demonstrar gratidão à avó de Camila, “a quem sou muita grata por ter cedido o local para que a gente poder trabalhar para sobreviver”. Tempos muito difíceis também aparecem indiretamente nas falas de Sueli, como na expressão recheada de emoção: “sem a lanchonete podíamos estar até passando fome”. Há em ambas o orgulho pelo reconhecimento das pessoas no Cesa pelo trabalho das duas, “acordar cedo e sair em busca de seu ganha-pão”, como fala a mãe Sueli.

De outro lado, no entanto, expressões que conotam o cansaço e a vontade de mudar, em ambas. Um trabalho que se dá de segunda a sábado, de três horas da madrugada até as quatorze horas da tarde. De forma indireta, aparecem informações sobre, por exemplo, quantas horas de sono perdidas, quanto cansaço, quanto trabalho árduo, quantas dificuldades enfrentadas notadamente nesses tempos de pandemia, quantos riscos correram etc.

Ainda que com os pés no negócio, Sueli e Camila abrem olhos para o futuro, na forma de sentidos subjetivos que podem ser notados em algumas de suas expressões. Em Sueli, no entanto, há um ar de consentimento pelo

que faz, apesar de se sentir “cansada por acordar muito cedo todos os dias”. Em Camila, há algo diferente. Ao olhar para o futuro, lembra o início de seu trabalho com a avó, quando ainda muito criança, aos doze anos de idade. Menina que agora luta “todos os dias desde as duas horas da manhã”, mas que não vê a hora de “ter independência e trabalhar naquilo que gosto”. Nisso, Camila lança seu olhar para um outro futuro, quando terminará a faculdade de educação física e atuará na profissão de *personal trainer*, “não viverá mais da lanchonete” e “abrir, quem sabe, minha academia de ginástica”. Tanto em Camila, quanto em Sueli, filha e mãe, aparecem sentidos que aparentemente se conflitam em seu dia-a-dia em sua situação de empresárias, em que sobressai a afirmação da mulher sujeito de sua história, de seu presente e de seu futuro. A mulher Empresária.

O histórico e o cultural são integrantes ativos nos relatos de Camila e de Sueli. Basta um pequeno apanhado para perceber com quanta força aparecem sentidos subjetivos associados a esse olhar para suas histórias de vida, no qual estão entremeados passado, presente e futuro. Sueli, que trabalhava com faxina em um bairro distante de onde morava, e Camila, ao relatar o início de trabalho com apenas doze anos de idade. Trajetórias que as ativam e por meio das quais edificam sua subjetividade, se afirmam como sujeito e como protagonistas em sua história.

Outros sentidos e configurações subjetivas ainda podem e merecem ser pesquisados nas expressões das mulheres que fizeram parte do grupo de pesquisa, entre eles, o fenômeno religioso. Esses sentidos aparecem com maior força nas expressões de Zemar, em sua satisfação em “orar a Deus”, em agradecer a Ele pelas conquistas que fez, por Ele falar por meio de seus clientes, por ser “Deus no céu e o Ceasa na terra”, que sua força “vem de Deus”: “Busquei forças em Deus para continuar a seguir sozinha sem a ajuda de ninguém, só de Deus”. Também são sentidos que aparecem nas falas de Sueli, entremeados a sentidos associados à família, à sua sogra e à própria filha Camila.

A religião configura instituição presente na subjetividade social em diferentes espaços sociais, e no espaço dos negócios não é diferente. O apelo à uma entidade divina, Deus, é componente forte na subjetividade social brasileira, sem destaque para a opção de uma religião ou outra. Note-se que a exaltação se associa à entidade, a um Deus comum. Assim, sentidos subjetivos associados à instituição religiosa e à instituição família aparecem em Zemar e Sueli associados às atividades que empreendem.

### **Considerações finais: a mulher, sua subjetividade e o seu “seguir em frente”**

Este estudo abordou o tema “atividade empresarial”, voltado mais especificamente para o estudo da subjetividade individual e social envolvida nas atividades empresariais das mulheres que formaram o grupo de pesquisa. Com isso, buscou-se compreender desafios e dificuldades com que mulheres se deparam em sua atividade de empresárias. O objetivo foi compreender configurações subjetivas em mulheres residentes na cidade de Cariacica, no Espírito Santo, frente a sua atividade como empresária. As interpretações deste estudo não o esgotam. Em consonância com os princípios da epistemologia qualitativa e com a teoria da subjetividade, busca-se uma compreensão aproximada do problema investigado, com vistas ao alcance de seu objetivo.

É possível perceber nas expressões dos sujeitos de pesquisa emoções e sentidos que, na acepção de González Rey (2003), caracterizam os processos de ação humana nos diversos espaços de sua convivência. Sentidos subjetivos, assim, aparecem nas expressões mesclados em processos simbólicos e emoções, numa espécie de sistema num mesmo sistema, redundando em configurações subjetivas preponderantes na formação subjetiva dos sujeitos pesquisados. Observa-se também que, amiúde, sentidos subjetivos não aparecem apenas em uma frase ou palavras, mas entremeados a expressões gestuais, modos de falar e de olhar, enfim.

Assim, configurações subjetivas não aparecem de forma isolada. Isso pode ser observado em diferentes frases, como em algumas de Jane, ao associar o universo do mercado a um espaço preponderantemente machista. Mas também ao falar de objetivos de vida que vão sendo postergados em função de busca por êxito em sua profissão de empresária, como a de constituir família e ter filhos. Nas conversas com Aline, Zemar, Sueli e Camila, Jane e Mayara, aparecem sentidos e configurações subjetivas diversas, que ora se alinham, ora se contradizem; ou ora se complementam e ora se suprimem. Nota-se, no entanto, aspectos da subjetividade social a pressionarem constante e permanentemente a subjetividade individual. Por sua vez, as mulheres participantes da pesquisa, também pressionam de forma ativa essas formações adversas.

Observa-se pressões oriundas de diversos espaços sociais, como o da família, da religião, da economia, do mercado, de espaços preconceituosos relativos a questões de gênero, que ora servem como repressores da subjetividade individual, mas ora também como suportes importantes de produção de novas subjetividades. Assim, com sua atitude de sujeito dotado de autonomia e reflexão, de mulher, de empresária, de mãe, de filha, de amiga, de chefe de família, essas mulheres encaram suas realidades e “seguem em frente”.

Nos resultados aparecem aspectos importantes da subjetividade social envolvidos nas decisões das mulheres empresárias que podem ser associados à família, à religião, a questões de gênero, entre outras. No entanto, uma configuração maior mereceria espaço nessas interpretações, pois vai aparecer em todas as mulheres participantes desta pesquisa, que tem a ver com a instituição mercado. Talvez por sua grandeza e hegemonia na subjetividade social, possa às vezes se apresentar invisível ou natural.

Diz respeito ao modo que orienta a vida de grande parte da população, que é a busca pela sobrevivência por meio de atividades no mercado. A vida baseada no modo de pensar e de agir hegemônico nas sociedades modernas, no modo de produção e de acumulação capitalista, aparece como componente hegemônico na subjetividade social que perpassa as expressões das mulheres participantes deste trabalho. Mayara, por exemplo, revela ter deixado de seguir seu “sonho” em busca de autorrealização em uma profissão, pela pressão exercida pela família para seguir por um caminho profissional que lhe desse “mais ganho e empregabilidade”. Zemar também pode ser um exemplo dessa pressão exercida pelo mercado, diante da condição social menos favorecida a pessoas na sociedade: “vinha criança trabalhar junto com a mãe vendendo limão”.

Aparecem também nas falas de Sueli e Camila. No sonho de Sueli de ter sua casa própria, refletindo uma situação social de pessoas sem um lugar próprio para morar e que buscam em seu empreendimento o alcance desse objetivo. Ou mesmo em Sueli, que não pode se dedicar integralmente à realização de seu objetivo de concluir a faculdade de educação física e seguir a profissão de *personal trainer*. Em Aline também, quando fala da necessidade de “completar renda, pois o que ganhava na época não dava para pagar os estudos”. Assim, daquilo que fazia como *hobby*, os doces, passou a ter a necessidade de fazê-lo como negócio empresarial. Em Jane também aparecem esses componentes de pressão vinda de modos de vida decorrentes da instituição mercado, com ao dizer que passou “necessidades”, “deixando de comer”, “passei a economizar mesmo”, isso tudo, para seguir em frente com seu negócio.

Esta pesquisa contribui para a compreensão de aspectos que são ignorados dentro de uma realidade hegemônica em que a pessoa humana é desconsiderada. A própria atividade empresarial é vista, amiúde, como uma função ou um processo econômico ou de mercado. Assim, o empresário é a empresa, a empresa contrata, paga, gera empregos, etc. Diferentemente, os resultados desta pesquisa afloram a atividade empresarial como uma ação humana, no entendimento de que somente a pessoa humana é dotada de ação. Como na fala Hannah Arent, “nem Deus é capaz de ação”.

Despertam os resultados para a noção de que a atividade empresarial é promovida de forma individual, pessoal. Assim, a atividade empresarial é a própria pessoa em ação. Além, diferentemente da noção transparecida no mundo do mercado, o empresário ou a empresária não é apenas a pequena, a média ou a grande empresa. Os micros negócios pessoais constituem forma importante de realização e de constituição do mercado e espaço de produção de subjetividade, como mostraram Aline, Zemar, Sueli e Camila, Jane e Mayara.

As interpretações das expressões dos sujeitos de pesquisa revelam o ser humano em pleno desenvolvimento, num processo de construção, desconstrução e reconstrução contínuo e ao longo de toda a sua vida, “orientados pelas produções subjetivas, sempre singulares. Mas, ao mesmo tempo, produções sempre geradoras “de novas ações e relações qualitativamente diferenciadas, como sugere Rossato (2019, p. 71), e como se observa em Aline, Zemar, Sueli e Camila, Jane e Mayara.

Este estudo preenche lacunas importantes sobre o tema mulheres empresárias, notadamente pela perspectiva epistemológica e teórica que adota. Considera-se que contribuiu para o apontamento de respostas importantes o problema pesquisa e para o autoconhecimento da condição da mulher no espaço social empresarial. Deixa também algumas lacunas ou questões que merecem ser investigadas em trabalhos futuros. Um deles diz respeito ao estudo da subjetividade no universo masculino, no intuito de desvelar sentidos e configurações que possam

ser comparados aos resultados desta pesquisa. Ou mesma na realização de pesquisa análoga a essa em que façam parte do grupo de pesquisa homens e mulheres, independentemente de suas condições sociais ou de gênero.

No que tange às expectativas, espera-se que os resultados possam contribuir para o olhar das mulheres pesquisadas compreenderem mais suas condições, assim como a de seus pares, em suas respectivas atividades. E, com isso, a se afirmarem ainda mais como sujeito, produzirem novas subjetividades para fazerem frente aos desafios, notadamente simbólicos, com que se deparam diante de formações hegemônicas da subjetividade social no mundo empresarial.

## Referências

- Bourdieu, P. (2002). *A dominação masculina*. (2a ed.). Bertrand Brasil.
- Ferreira, J. M., Nogueira, E. E. S. (2013). Mulheres e suas histórias: razão, sensibilidade e subjetividade no empreendedorismo feminino. *Rev. adm. contemp.* 17(4), 398-417.
- GEM. GLOBAL ENTREPRENEURSHIP MONITOR. (2022). *Empreendedorismo no Brasil – 2022. IBQP*. <https://datasebrae.com.br/wp-content/uploads/2023/05/GEM-BR-2022-2023-Relatorio-Executivo-v7-REVISTO-mai-23.pdf/>
- Gomes, A. F., Santana, W. G. P., Araújo, U. P., & Martins, C. M. F. (2014). Empreendedorismo feminino como sujeito de pesquisa. *Revista Brasileira de Gestão de Negócios*, 16(51), 319-342.
- González Rey, F.L. (2011). *El pensamiento de Vigotsky*. Editorial Trillas.
- González Rey, F.L. (2005a). *Pesquisa qualitativa e subjetividade*. Pioneira Thomson Learning.
- González Rey, F.L. (2005b). *Subjetividade, complexidade e pesquisa em psicologia*. Pioneira Thompson.
- González Rey, F.L. (2003). *Sujeito e subjetividade*. Pioneira Thomson Learning.
- González Rey, F.L. (1999). *La Investigación cualitativa en psicología: rumbos y desafíos*. Educ.
- González Rey, F. L.; Mitjans Martínez, A. (2017). *Subjetividade: teoria, epistemologia e método*. Editora Atens.
- Goulart, D. M. (2019). Saúde mental, educação e desenvolvimento subjetivo: o trabalho voltado para uma ética do sujeito. In: Mitjans Martínez, A.; González Rey, F.L.; Puentes, V. P. (Org). In: *Epistemologia Qualitativa e Teoria da Subjetividade. Discussões sobre Educação e Saúde*. (pp. 159-182). Edufu.
- Gulisano, A. G. (2013). Empreendedorismo: Kirznerianos e Rothbardianos. *MISES: Revista Interdisciplinar de Filosofia, Direito e Economia*. 1(2).
- LEI nº 10.406, de 10 de janeiro de 2002. (2002, 11 de janeiro). Institui o Código Civil. [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2002/110406compilada.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110406compilada.htm)
- Mises, L. v. (1996). *Human Action: A Economics*. Fox Wilkes.
- Mitjans Martínez, A. (2014) Um dos desafios da epistemologia qualitativa: a criatividade do pesquisador. In: Mitjans Martins, A.; Neubens, M e Moria V. (Orgs). *Subjetividade contemporânea*. Discussões epistemológicas e metodológicas. Alínea.
- Morales-Urrutia, X. (2023). Divergence in female entrepreneurial activity: an international comparison. *Estudios Económicos*. 1(1), 121-145.
- Rossato, M.; Mitjans Martínez, A. (2018) Contribuições da metodologia construtivo-interpretativa na pesquisa sobre o desenvolvimento da subjetividade. *Revista Lusofona de Educacao*. 40(1), 65-78.
- Silveira, R. Z. (2015). *Configurações subjetivas na gestão metropolitana em Vitória – ES*. [Tese de Doutorado, Universidade Federal de Minas Gerais]. Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da UFMG. [https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUBD-9WVJNK/1/tese\\_rog\\_rio\\_z\\_silveira\\_29\\_04\\_2015\\_vers\\_o\\_final.pdf](https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUBD-9WVJNK/1/tese_rog_rio_z_silveira_29_04_2015_vers_o_final.pdf)
- Teixeira, R.M., Bomfim, L. C. S. (2016) Empreendedorismo feminino e os desafios enfrentados pelas empreendedoras para conciliar os conflitos trabalho e família: estudo de casos múltiplos em agências de viagens. *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo*. 3(1), 44-64.